

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NOS 25 ANOS DA AIP
22 de Setembro de 2023

CARTAS DA GUERRA / 2016

Um filme de Ivo M. Ferreira

Realização: Ivo M. Ferreira / Argumento: Ivo M. Ferreira e Edgar Medina, baseado em *D'este Viver Aqui neste Papel* *Descripto: Cartas da Guerra* de António Lobo Antunes / Direcção de Fotografia: João Ribeiro / Direcção Artística: Nuno Mello / Guarda-Roupa: Lucha d'Orey / Som: Ricardo Leal / Montagem: Sandro Aguilar / Interpretação: Miguel Nunes (António), Margarida Vila-Nova (Maria José), Ricardo Pereira (Major), João Pedro Vaz (Capitão), Simão Cayatte (alferes Eleutério), Isac Graça (cabo Hilário), Francisco Hestnes (cabo Carica), João Pedro Mamede (alferes Professor), Cândido Ferreira (Sr. Fontes), Maria João Abreu (dona Fernanda), etc.

Produção: O Som e a Fúria / Produtores: Luis Urbano e Sandro Aguilar / Cópia digital, preto e branco, falada português / Duração: 105 minutos / Estreia em Portugal: 1 de Setembro de 2016.

Com a presença de João Ribeiro e Paulo Américo.

Cartas da Guerra corresponde um tipo de filme que nunca foi muito praticado, e ainda menos o é hoje: é um “filme epistolar”, um objecto cinematográfico que adopta a lógica, mais consagrada, do romance epistolar. Que não tem que ser necessariamente um “romance”; pode ser, como no caso, a recolha das cartas enviadas por António Lobo Antunes à mulher, durante o período de 1971 em que esteve em Angola, a cumprir, como médico, serviço militar, em plena guerra colonial e numa zona particularmente tensa.

Ivo M. Ferreira e Edgar Medina (a dupla creditada de argumentistas) intuíram, e intuíram bem, que o valor daquelas cartas estava justamente no facto de serem cartas. Quer dizer, algo que encontra o seu sentido na forma epistolar que é a sua, sentido que se arriscaria a ser destruído se as cartas fossem tomadas como um manancial narrativo de onde se extraísse uma série de peripécias. E assim construíram um argumento onde o texto e a leitura tomam a primazia, e onde há sempre uma distância (às vezes mais contínua, outras mais contraditória) entre a banda de som e a banda de imagem, entre a voz do som e as outras vozes (e outras presenças) que povoam a banda de imagem, como se houvesse um efeito de comentário em duplo sentido, a leitura das cartas a influenciar as imagens que vemos, e as imagens a influenciar as palavras que ouvimos. As pequenas encenações a que assistimos, quase sempre cenas razoavelmente corriqueiras do quotidiano militar, ou do quotidiano de Maria José (a destinatária das cartas), funcionam sempre como uma emanação do texto, e em todo o caso nunca se autonomizam dele nem das pistas que ele lança.

É um filme singular pela abordagem do texto de Lobo Antunes, que sendo um dos nomes mais importantes das letras portuguesas das últimas décadas raramente viu o cinema português tentar encontrar uma forma de abordar a sua escrita (o outro exemplo além de *Cartas da Guerra* é um filme de Solveig Nordlund, **A Morte d Carlos Gardel**).

Também é a melhor e mais arriscada (pelas razões acima expostas) longas-metragens de Ivo M. Ferreira, que também encontra aqui um momento de “corte” com a sua obra anterior. Trata-se de um filme estruturalmente bastante diferente do que o que conhecíamos do autor, embora se possa argumentar que o tema da distância (aqui crucial, pela separação forçada entre um homem e uma mulher) seja algo que perpassa, embora não com esta solidez, outros filmes de Ivo, como **Em Volta** ou **Águas Mil**. Sendo bastante hábil, bastante desenvolvido, no modo como se apropria do texto de António Lobo Antunes e o integra numa textura razoavelmente complexa (várias personagens, vários episódios, mas uma estrutura fragmentada como um exercício memorialista aos solavancos), **Cartas da Guerra** também sai de dentro dele, evitando ser a reprodução de um solilóquio. Os textos de Lobo Antunes funcionam como um parapeito de onde se constrói e contempla uma vista sempre mais abrangente - sobre os miúdos feitos soldados que iam para África, e de cuja “sociologia” o filme cuida inteligentemente, ou sobre as relações entre portugueses e africanos (tanto num plano individual como num plano político, ou sobre, enfim, a própria paisagem africana (um achado, aquele plano final, com o por do sol a recortar-se na montanha como se estivéssemos num território de ficção científica, e aliás tanto mais curioso quanto os filmes de Ivo costumam estar muito mais voltados para a Ásia, e especialmente, pela importância que tem na sua biografia pessoal, para Macau). Nada disto impede o romantismo, o romantismo em sentido próprio (não há romantismo sem distância física, geográfica) que subjaz às cartas de Lobo Antunes, que quando irrompe irrompe em torrente (aquela longa declaração de amor, em si mesma belíssima)

E a fotografia de João Ribeiro, um dos mestres do preto e branco da actualidade (e não só da actualidade do cinema português), com os seus contrastes, com as suas variações de luz, com a forma como evita os mais óbvios e repisados clichés da “fotografia de África”, com o seu constante jogo de “aquecimento” e “arrefecimento” a partir da paleta de cinzentos e da luz e da sombra que a banham, é um aspecto fundamental no sucesso da empresa.

Luís Miguel Oliveira